

# VIAGEM PARENTÉTICA II O HOMEM INVENTA A SI PRÓPRIO OU RUMO A UMA TEORIA DO ENCONTRO PARENTÉTICO

ALBERTO GUERREIRO RAMOS

(School of Public Administration/University of Southern California)

Tradução: Francisco Gabriel Heidemann e Ariston Azevedo

*Too much round about us is still halting, and ultimately  
we are still in a state of not-yet-being.*  
(ERNST BLOCH, "Man on his own", 1970)

Neste texto, pretendo me reportar ao perspectivismo fenomenológico. Esta expressão é em si mesma um tanto redundante, porque a fenomenologia é essencialmente uma filosofia perspectivista. Este *paper* é continuação de um artigo anterior, no qual me concentrei nos pressupostos da vida quotidiana e na noção husserliana de atitude natural. O objetivo geral deste artigo e o do *paper* anterior é examinar algumas relações relevantes entre a fenomenologia e as ciências sociais. Em concordância com o que foi dito no artigo anterior, agora farei um comentário sobre meu Enunciado n°. II, qual seja:

**A fenomenologia permite ao cientista social entender que a realidade é sempre percebida a partir de uma perspectiva.**

Fiz a proposição de que a fenomenologia interessa ao cientista social porque em muitos aspectos ela representa, em nosso tempo, a tentativa mais radical de se fazer inquirições sobre a natureza da ciência e do conhecimento. Se tentasse atender aos requisitos de uma fenomenologia ortodoxa, no entanto, o cientista social poderia se desviar de sua tarefa específica. O campo das ciências sociais está cheio de enormes desafios que exigem mais do que uma orientação fenomenológica. O cientista social deve, assim, resignar-se a ser antes alguém versado do que um *expert* em fenomenologia. Ninguém poderia ser visto como entendido/versado nos dias de hoje, se não tivesse consciência da teoria da relatividade, ainda que se espere que somente os físicos tenham *expertise* nas intricâncias de tal teoria.

A fenomenologia tem me interessado enquanto elemento subsidiário na concepção das abordagens e técnicas metodológicas pertinentes ao campo específico das ciências sociais. Para ser mais preciso, a fenomenologia dá consistência teórica ao que venho chamando de redução sociológica, de abordagem parentética, de homem parentético e de encontro parentético. (Às vezes, sinto-me tentado a acreditar que esses empreendimentos, esses alvos, serão atingidos de maneira satisfatória na medida em que minha assimilação daquilo que eu preciso da fenomenologia chegue a um ponto em que permita me expressar sem recorrer à terminologia dessa filosofia. Ainda não cheguei a esse ponto.)

Com estes comentários iniciais em mente, meu plano neste texto é matar dois pássaros com uma pedra só. Vou discutir e justificar a proposição acima e, ao mesmo tempo, tentar esclarecer a noção de encontro parentético.

Creio que é possível derivar a noção de encontro parentético a partir do perspectivismo fenomenológico. Uma das principais teses da fenomenologia é que a consciência humana e o mundo não são separados ou divididos, disjuntos. A nossa consciência não é um espelho que registra passivamente as impressões dos objetos externos. A fenomenologia não nega a existência do mundo externo, mas afirma que o conhecimento dele, como salientou Strasser, “requer uma certa atividade da consciência humana”.<sup>1</sup> O mundo não é postulado pela consciência; ele [o mundo] está sempre aí e pode ser velado-desvelado pela consciência humana. Entretanto, o mundo é, por assim dizer, extremamente sensível ao nosso interesse, à nossa

---

<sup>1</sup> Strasser, S. *Phenomenology and the human sciences: A Contribution to a New Scientific Idea*. Pittsburgh, Pa: Duquesne University Press, 1963. p. 61.

perspectiva seletiva. A propriedade essencial da realidade é mostrar-se em diferentes perspectivas. Colin Wilson realçou esta propriedade numa metáfora brilhante: “o universo se comporta como um aluno tentando escrever, com o professor observando-o por sobre seus ombros; ele torna-se autoconsciente e se comporta de forma diferente.”<sup>2</sup>

Uma maneira útil de captar o *momentum* do perspectivismo é considerar como seria absurda a tentativa de descobrir uma fórmula interpretativa unívoca da realidade. É isso o que o positivista tenta fazer. Ele se empenha por buscar uma explicação monística da realidade formulada de acordo com o que ele presume serem as regras científicas do pensamento. Seu modelo, mesmo tratando-se de um cientista social, é análogo ao da ciência física clássica. Eu uso o termo ciência física clássica para diferenciá-lo do modelo da ciência física contemporânea, representado por físicos como Heisenberg, Bohr e outros, que são perspectivistas. O cientista social George Andrew Lundberg dizia: “Defendo a tese de que, se seguirmos este método [positivista] tão fielmente quanto o temos seguido na física [clássica], ele pode nos render uma recompensa correspondente de controle”.<sup>3</sup> Embora pareça um tanto raro que um cientista social afirme de forma tão franca a sua lealdade ao modelo da física, [este modelo] continua ainda a ser, porém, muito influente entre os cientistas sociais contemporâneos. A abordagem positivista monista envolve uma concepção de objetividade que supõe separação entre homem e mundo. Ela postula a existência de uma ordem natural e social unívoca, cujas regularidades são invariantes. Ela toma como certa a validade do universo newtoniano, que, como explica Alfred Stern, é “composto por centros de massa, tendo cada qual uma posição ou um *momentum* definido”.<sup>4</sup> E Stern acrescenta: “Imagina-se que basta medir as atuais posições e *momentums* [dessas partículas] e, assim, predizer, com o espírito de Laplace, o futuro do universo”.<sup>5</sup> Em outras palavras, supõe-se que, se alguém encerrar as regularidades do mundo natural e social em um conjunto de leis, ele será capaz de prever e controlar os eventos. O mundo do positivista é um mundo de possibilidades limita-

<sup>2</sup> Wilson, C. *Introduction to the new existentialism*. London: Hutchinson & Co., 1966. p. 45-46.

<sup>3</sup> Strasser (1963, p. 15). [NT: Na citação, entre colchetes, acréscimos dos tradutores.]

<sup>4</sup> Lindenberg, Marc. *Philosophical and Methodological antecedents of parenthetical sociology*. School of Public Administration, University of Southern California (USC), Los Angeles, 1969. Mimeografado. p. 2.

<sup>5</sup> Lindenberg (1969, p. 2). Acréscimos do tradutor.

das. Em última análise, o monismo positivista leva a uma forma aguda de determinismo.

Do ponto de vista fenomenológico, o positivismo é uma abordagem por demais estreita da realidade. O mundo dos fenomenologistas está cheio de possibilidades e de sentidos inesgotáveis. Como salienta Strasser:

O ser contém em si todo e qualquer sentido possível, que cabe a nós desvendar. Todas as nossas descobertas juntas não conseguirão esgotar a sua riqueza. Este pensamento nos induz a assumir a atitude de humildade, respeito e prudência, que em geral é indicada pelo termo “objetividade”.<sup>6</sup>

Ainda mais congruente com o perspectivismo fenomenológico é a seguinte afirmação de Kluckhohn: “O cientista dos assuntos humanos precisa saber tanto sobre o olho que vê quanto sobre o objeto visto”.<sup>7</sup> O conhecimento é um encontro entre o homem e os objetos. Embora os objetos não sejam invenções, produtos de uma ilusão, as qualidades e facetas que nos mostram estão subsumidas em nossa orientação intencional. Sem intencionalidade não há percepção. Não podemos nos dirigir arbitrariamente aos objetos, porque a nossa percepção intencional é sempre normalizada por alguma coisa que não somos nós.<sup>8</sup> Se não compreendermos isso, caímos na armadilha do subjetivismo. Daí se segue que poderia haver perspectivas para as quais os objetos permaneceriam opacos e nada nos revelariam.

Por outro lado, o positivismo é uma forma extrema de subjetivismo. Ele distorce a realidade para ajustá-la aos seus instrumentos precários e a abordagens técnicas. O positivista é aquele homem de uma ferramenta só a que se refere Maslow no seguinte comentário: “Se a única ferramenta que você tem é um martelo”, diz Maslow, “suponho que seja tentador tratar tudo como se fosse um prego”.<sup>9</sup> No entanto, a objetividade é um projeto

<sup>6</sup> Strasser (1963, p. 85).

<sup>7</sup> Strasser (1963, p. 7).

<sup>8</sup> “Nada é objetivo antes de ser revelado por nós como um ser real. Em outras palavras, *nada é objetivo para nós sem nós*. Por outro lado, não podemos negligenciar a verdade correlata de que *nada é objetivo através de nós*, não tornamos nada objetivo, pois o que foi revelado por nós ou será revelado por nós já estava lá”. (Strasser, 1963, p. 85) (grifos no original)

<sup>9</sup> Maslow, A.H. *The psychology of science: a reconnaissance*. New York: Harper & Row, 1966. p. 15-16.

que começamos a cumprir ao qualificar a intencionalidade de nossa abordagem subjetiva, jamais ao tentar anular essa intencionalidade. Neste *paper* não nos aprofundamos na análise cabal da noção de objetividade. Na verdade, a fenomenologia está especificamente preocupada com os requisitos de rigor e objetividade, mas ela aborda esses problemas de um ponto de vista mais radical do que o positivismo. Do ponto de vista fenomenológico, existem vários tipos de objetividade, cada um deles determinado por aspectos distintos da realidade. Assim, mesmo quando se convencionou o que é objetividade, a fenomenologia toma um curso que difere essencialmente do monismo positivista.

Aqui, novamente, a fenomenologia é perspectivista. Não se pode jamais alcançar o nível de objetividade quando se confia na falácia do dualismo cartesiano de que haveria uma “substância pensante” separada de uma “substância estendida” ou em teorias semelhantes, segundo as quais a percepção é passiva ou não intencional.

Há, neste país, uma tradição fenomenológica que tem sido negligenciada por seus cientistas sociais. De fato, John Dewey desenvolveu um pensamento fenomenológico que, em muitos aspectos, foi exposto com mais elegância, clareza e simplicidade do que nos escritos de Husserl e de alguns autores europeus contemporâneos. Segundo Dewey, a tradição fenomenológica norte-americana (embora ele nunca use o termo fenomenologia no sentido contemporâneo) remonta a William James. O pensamento de James, segundo Dewey, “pressupõe que as ideias são essencialmente intenções...”<sup>10</sup> E ele acrescenta: “Isto contrasta [...] com o racionalismo, com a sua teoria da cópia, em que as ideias enquanto ideias são ineficazes e impotentes, uma vez que apenas significam espelhar uma realidade completa sem elas”.<sup>11</sup> Aqui, evidentemente, encontra-se uma das questões husserlianas: a noção de intencionalidade e seu significado como ponto de partida para uma crítica radical do racionalismo. Em outra ocasião, Dewey enfoca o assunto e escreve uma das peças mais lúcidas do pensamento sobre aquilo que mereceria ser chamado, com o jargão de hoje, de perspectivismo fenomenológico. “Quando pensamos”, diz ele, “há algumas coisas nas quais estamos imediatamente pensando *a respeito*”<sup>12</sup> (e ele

---

10 Dewey, J. *Essay in experimental logic*. New York: Dove Publications, Inc., 1916. p. 304.

11 Dewey (1916, p. 304).

12 Dewey, J. *On experience, nature and freedom*. New York: The Bobbs-Merrill Co., Inc., 1960. p. 98. (grifos no original)

sublinha o “a respeito”). Esta referência direta à intencionalidade não é ocasional em seus escritos; trata-se de uma tese central que permeia seu texto. Dewey havia também intuído a redução fenomenológica. Ele considera a filosofia como uma “crítica das crenças influentes que sustentam a cultura”<sup>13</sup> e se refere à possibilidade de torná-las – assim como os hábitos mentais e os contextos – “objeto de reflexão”.<sup>14</sup> O parágrafo abaixo é bem representativo de seu acúmen, de seu *insight* sobre a intencionalidade e até mesmo da redução fenomenológica:

Outro aspecto do contexto é o que chamei de “interesse seletivo”. Todo caso particular de pensamento é o que é por causa de alguma atitude, ou de algum viés, se preferir; e nenhuma teoria geral pode ser formulada sem se basear no que ocorre em casos particulares. Essa atitude não é parte imediata do que é conscientemente refletido, mas ela determina sua seleção antes do que [a do] objeto. A palavra “interesse” pode ser questionada; ela, indubitavelmente, tem conotações estranhas ao que eu desejo destacar. Mas dificilmente pode-se pôr em dúvida o fato [o objeto] que a palavra pretende denotar. Há seletividade (e rejeição) em toda operação de pensamento. Há cuidado, preocupação, implicada em cada ato de pensamento. Há alguém que tem mais afeição por algumas coisas do que por outras; quando se torna pensador, ele não abandona suas afeições características. Como pensador, ele continua sendo mais sensível a algumas qualidades, problemas, temas que a outras. Ele pode, por vezes, voltar-se contra si e examinar suas atitudes individuais e tentar não as levar em conta. Esta operação fará com que algum elemento de sua atitude se torne objeto de pensamento. Mas não poderá eliminar todos os elementos de preocupação seletiva; alguns dos mais profundos continuarão a operar. Nenhum caminho de volta [recomeço] eliminará a atitude de interesse que está envolvida tanto no pensamento sobre atitudes quanto no pensamento sobre outras coisas.<sup>15</sup>

O perspectivismo fenomenológico que Dewey expõe em seu ensaio é congruente com o que considerarei nas páginas seguintes. Refutando o

---

13 Dewey (1960, p. 107).

14 Dewey (1960, p. 100).

15 Dewey (1960, p. 101-102).

dogma racionalista ou positivista “da imaculada concepção dos sistemas filosóficos”<sup>16</sup>, Dewey escreve:

Ser “objetivo” no pensamento é ter em operação um certo tipo de interesse seletivo. Pode-se ver apenas de um certo ponto de vista, mas este fato não faz com que todos os pontos de vista sejam de igual valor. Um ponto de vista que não está em algum lugar em particular, e do qual não se pode ver as coisas de um ângulo especial, é um absurdo. Mas pode-se ter afeição por um ponto de vista que ofereça uma rica [...] paisagem, em vez de por um em que se veem as coisas [...] pobremente.<sup>17</sup>

Pretendo aproveitar esta afirmação para sublinhar o conceito de encontro parentético. O conhecimento resulta do encontro parentético com os seres e as coisas. Fazemos trocas balanceadas (*trade-off*) com eles. Dependendo de nosso ponto de vista, os apreendemos de uma forma rica ou pobre. Eles são capazes de transmitir uma quantidade inesgotável de sentidos. É o ponto de vista que tomamos que nos permite captá-los de uma forma rica ou pobre. Muitas vezes ouvimos dizer que, em certas situações humanas, quando desenvolvemos um clima adequado, é possível livrarmo-nos de nossa opacidade habitual e abrimo-nos. É algo análogo que nos leva à nossa negociação (*trade-off*) com as coisas. “O mundo” – diz Jourard – “tem inércia e *momentum*”.<sup>18</sup> Ele encobre o seu conteúdo significativo, ou o revela. “De uma perspectiva fenomenológica [...], o conceito é um compromisso para deixar de notar as revelações em fluxo [...] incessantemente difundidas pelos seres [que existem] no mundo.”<sup>19</sup>

Esta afirmação de Jourard pode ser esclarecida por meio de uma reflexão sobre a famosa expressão de Husserl: “voltar às coisas em si”. De fato, não conseguimos preencher estes requisitos se não abordarmos as coisas com ingenuidade deliberada; não podemos impor-lhes os nossos esquemas preconcebidos. Como diz Jourard, as coisas estão sempre fazendo

---

16 Dewey (1960, p. 105).

17 Dewey (1960, p. 102).

18 Jourard, S.M. *Disclosing man to himself*. Princeton, New Jersey: D. Van Nostrand Co., Inc., 1968. p. 204.

19 Jourard (1968, p. 155-156).

irradiação, e, com o objetivo de saber [o que disseminam], temos que nos colocar em sintonia com os sentidos que elas transmitem.

Não é surpresa que em um dos tratados fenomenológicos mais competentes, a ideia de que o conhecimento resulta de um diálogo entre o homem e as coisas tenha sido apresentada de uma forma sobremaneira vívida. Comentando sobre a expressão de Husserl, acima, Strasser diz: “Estou em contato com a própria coisa quando e na medida em que ela se torna um fenômeno para mim”.<sup>20</sup> E ele explica o sentido da palavra fenômeno, recorrendo a Heidegger: “O encobrimento é o conceito inverso ao de ‘fenômeno’”.<sup>21</sup> Assim, quando alguma coisa se torna um fenômeno para mim, eu a faço, segura de si, falar comigo e eu falo com ela, eu a encontro e ela me encontra. Segundo diz Strasser, literalmente,

[...] “fazemos o ser falar”, interrogando-o de forma correta. Falando, e na medida em que fala, ele assume uma feição; ele se revela, se desvenda para nós. (grifos no original)

E, mais enfaticamente, escreve Strasser:

[...] uma pergunta não é uma reação. Quem faz uma pergunta já sabe do que está falando. Uma pergunta, portanto, como já enfatizara Platão, implica uma espécie de conhecimento. De modo análogo, devemos dizer que quem olha assume que há algo para ver. Quem tateia, da mesma forma, se antecipa àquilo que realmente se experiencia. Cada movimento de apalpar, de tatear se compara à pergunta “Não haverá algo para se tocar?” Quando essa pergunta encontra algo que possa ser visto ou tocado, o visível ou o tocável colabora, por assim dizer, com quem percebe. Surge uma interação entre quem vê e o que é visto, entre quem toca e o que pode ser tocado.<sup>22</sup>

Aparentemente, a ideia de filosofia do encontro foi exposta inicialmente por Buytendijk. Strasser se refere a ele na parte de seu livro em que também apresenta a ideia de “pesquisa antropológica como um

---

20 Strasser (1963, p. 252).

21 Strasser (1963, p. 256).

22 Strasser (1963, p. 82).



encontro”.<sup>23</sup> Tomando o *insight* de Strasser como ponto de partida, quero desenvolver meu próprio conceito de encontro parentético. Na verdade, o termo encontro tem sido empregado por vários autores. Carl Rogers usa a expressão “encontro básico”<sup>24</sup>, e Gerard V. Haigh usa o termo “encontro de autoenriquecimento”.<sup>25</sup> Nenhum deles, porém, dá um tratamento sistemático a este conceito.

De acordo com meus textos anteriores, enfocarei brevemente agora a noção de encontro parentético.

Minha definição geral é a seguinte:

**O encontro parentético é aquele em que se tenta relacionar com pessoas e com coisas, na perspectiva mais conveniente à plena revelação de suas múltiplas e distintas facetas.**

No campo específico das relações humanas, esse encontro tem algumas nuances que merecem ser destacadas. Na verdade, tal encontro é tipicamente uma “relação de sujeito para sujeito”<sup>26</sup>, isto é, um encontro de seres em que cada qual está consciente de si e da existência de alteridades [*alter egos*]. Trata-se de um verdadeiro diálogo baseado em uma relação de EU-TU; o que, no entanto, não quer dizer que o encontro parentético tenha as mesmas características do tipo de relação íntima que Schütz denomina consociadas, ou que ele seja idêntico ao diálogo entre o EU e TU de Martin Buber. Intencionalmente, ele não tem conotações empáticas nem místicas; é simplesmente uma ferramenta de apreensão objetiva de sentidos. Encontros parentéticos podem ocorrer entre pessoas que não são consociadas, no sentido de Schütz, e que não estão emocionalmente envolvidas, embora eventualmente possam levar a esses tipos de relacionamento. Por conseguinte, torna-se oportuno aqui o seguinte complemento à definição dada acima:

**Um encontro parentético é aquele em que os seus participantes tentam se relacionar um com o outro, levando em conta seus pontos de**

---

23 Strasser (1963, p. 146).

24 Rogers, C. The process of the Basic Encounter. *In: Bugental, J.F.T. Challenges of humanistic psychology*. New York: McGraw-Hill Book Co., 1967.

25 Haigh, C.V. Psychotherapy as Interpersonal Encounter. *In: Bugental, J.F.T. Challenges of humanistic psychology*. New York: McGraw-Hill Book Co., 1967.

26 Strasser (1963, p. 144).

**vista explícitos ou encobertos e pondo em suspensão todo e qualquer julgamento normativo sobre esses pontos de vista.**

O encontro parentético é uma abordagem para a experiência de grupo, que tem por objetivo estimular o crescimento psicológico e intelectual, na medida em que torna as pessoas capazes de desvendarem e encontrarem o sentido que elas estão dispostas a dar a suas vidas. Chegar à consciência de tal sentido é uma experiência iluminadora.

No Brasil conduzi seminários à maneira de encontros parentéticos. Creio que os resultados desta experiência estão agora suficientemente maduros para me permitir uma exposição analítica da teoria desta experiência de grupo e das técnicas e procedimentos operacionais utilizados. Esses esforços deverão estar inteiramente expostos em meu próximo livro sobre o homem parentético. Ainda que o encontro parentético tenha uma grande variedade de implicações pragmáticas, minha preocupação imediata é projetar, planejar um modelo de aprendizagem centrado no estudante e um paradigma da experiência de grupo para serem empregados como ferramenta de renovação e desenvolvimento organizacionais.

Temo que o que eu disse sobre o encontro parentético tenha gerado muita decepção. Pode-se, de maneira legítima, indagar: “Isso é tudo o que existe?”. Naturalmente, o encontro parentético é um tipo de experiência de grupo cujo *design* se vale de várias correntes existentes de pensamento e de procedimentos operacionais. Entretanto, espero que sua especificidade venha a se evidenciar na prática e em mais outros textos analíticos. Para ser conciso, sucinto, vou apontar brevemente algumas de suas principais características.

O pressuposto teórico geral do encontro parentético é que o homem é essencialmente um ser épico; ele não é pré-formado, pré-projetado, pré-constituído. Ao contrário, ele pode sempre formar-se, projetar-se e constituir-se a si mesmo, explorando uma extensão de possibilidades disponíveis a cada momento. Obviamente, durante toda a história passada, ele foi treinado para sucumbir a forças heteronômicas, a imperativos de outros. O medo tem sido um elemento crônico do sistema social ao longo da história. No entanto, novas condições históricas estão possibilitando estilos de existência humana inéditos e cuja qualificação é a coragem de ser. Mas essa coragem tem de ser aprendida, à semelhança da criança que é ensinada a livrar-se do medo de andar de pé. Depois que o homem aprende essa

coragem, ele se torna capaz de se inventar, de jogar consigo mesmo [de se autodispor].

Pode-se explicar o conceito épico de homem por meio de uma linguagem mais adequada à academia. Assim, Allport diria que o homem é um sistema aberto. A velha psicologia tem mostrado o seu viés antiépico em seus termos prediletos de *reação*, *resposta*, *reforço*, *refletir*, *respondente*, *retroação*, *reconhecimento*, *regressão*, *repressão*, *reminiscência*, ao invés de termos como *produção*, *procedimento*, *proficiência*, *resolução de problemas*, *propriedade* e *programação*.<sup>27</sup> O sistema aberto de Allport é mais pertinente para o “comportamento espontâneo orientado ao futuro”, para a *expectativa*, a *intenção*, o *propósito*.<sup>28</sup> Ele diz: “É da própria natureza de um sistema aberto atingir níveis progressivos de ordem por meio de mudança na estrutura cognitiva e motivacional”.<sup>29</sup> Eu aceitaria o último enunciado de Allport como uma das possíveis explicações para o conceito de homem épico e desenvolveria algumas de suas implicações.

Assim, mantendo-se consequente com esta linha de pensamento, um dos procedimentos operacionais do encontro parentético é o **epicodrama**, termo geral para experiências de grupo de vários tipos (utilizando, por exemplo, testes autoavaliativos, diálogos para aquecimento, encenação de papéis parentéticos, gravadores de fitas, câmeras de TV, filmes, simulações parentéticas etc.), em que as pessoas desaprendem esquemas<sup>30</sup> cognitivos e motivacionais reativos e aprendem os respectivos esquemas proativos. Epicodramas são procedimentos operacionais destinados a envolver pessoas em encontros parentéticos nos quais elas aprendem a se tornarem sistemas proativos em vez de reativos; em outras palavras, em que as pessoas se inventam a si mesmas. Abordarei as fontes dessa concepção em outro artigo. Algumas dessas fontes são derivadas de Allport, Ernst Bloch, J. L. Moreno, Bertolt Brecht, Eugene Ionesco, Victor Frankl, Charlotte Buhler, A. Maslow.

Quanto às habilidades específicas para se engajar em encontros parentéticos, ei-las a seguir: a **ignorância aprendida** (uma reinterpretação da *docta ignorantia* de Nicholas de Cusa), a **espontaneidade aprendida** ou

27 Allport, G.W. *Personality and Social Encounter*. Boston: Beacon Press, 1968. p. 41.

28 Allport (1968, p. 41).

29 Allport (1968, p. 41).

30 Estou usando o termo “esquema” no sentido de Ezra Stotland (Stotland, E. *The Psychology of hope*. San Francisco: Jossey-Bass, Inc., Publishers, 1969. p. 37-77).

*docta esponte* (derivada de J. L. Moreno)<sup>31</sup> e a *esperança aprendida* ou *docta spes* (derivada de Ernst Bloch)<sup>32</sup>, as quais serão explicadas em trabalhos posteriores.

Tenho o prazer de dizer que tenho trabalhado sobre estas ideias durante os últimos quinze anos, boa parte deles no Brasil. No entanto, somente nos últimos três anos, durante os quais tenho estado a lecionar nos Estados Unidos, encontrei o contexto ideal para desenvolver minhas ideias de uma forma completa. Sinto que o ambiente prefigurativo<sup>33</sup> deste país é extremamente favorável ao meu projeto.

Há, certamente, situações emocionais e contextuais mais propensas do que outras para abordagens ricas ou mais amplas. Somos histórica ou contextualmente limitados nas escolhas de nossas abordagens do mundo. Para começar, os poderes de percepção do homem têm sido frustrados ao longo da história. Jamais houve um sistema social em que o homem tenha sido capaz de exercer plenamente todos os seus poderes de percepção. Até o próprio fato de o perspectivismo fenomenológico agora representar um empreendimento sério e sistemático está a indicar que estamos entrando em um novo estágio do desenvolvimento humano propiciado pelas circunstâncias ora vigentes. Nossas visões e nós mesmos estamos sendo produzidos pelas novas circunstâncias. “Pessoa nenhuma jamais terá uma ideia, exceto na medida em que tiver inalado algo da atmosfera [circum-ambiente]”.<sup>34</sup> Num certo sentido, o perspectivismo fenomenológico é “uma tentativa de assimilar as implicações da visão perspectivista do homem contemporâneo”<sup>35</sup>, que de forma incoativa está emergindo neste período da história mundial. O homem se faz na história. Não é por acaso

---

31 Moreno, J.L. *Who shall survive?* Washington, D.C.: Nervous and Mantel Disease Publishing Co., 1934.

32 Bloch, E. *Man on his own*. New York: Herder and Herder, 1970. Este é o primeiro livro de Bloch traduzido para o inglês. Para aqueles interessados nas implicações das ideias de Bloch nas ciências sociais, indico meu texto *Modernization: towards a possibility model*, publicado em Belling, W.A.; Totten, G.O. (eds.). *Developing nations: quest for a model*. Princeton: New Jersey: D. Van Nostrand Co., Inc., 1970. Um resumo em inglês do principal livro de Bloch, *Das prinzip hoffnung* (O Princípio da esperança), pode ser encontrado em Jenkner, W. *Ernest Bloch*. School of Public Administration, University of Southern California (USC), Los Angeles, 1968. Mimeografado.

33 Estou usado o termo prefigurativo no sentido empregado por Margaret Mead. Eu diria que um ambiente ou uma cultura prefigurativa é aquele em que o modelo para os membros da sociedade seria um tipo de comportamento orientado para o futuro. Ver: Mead, M. *Culture and commitment*. New York: Doubleday & Co., Inc., 1970. p. 65-97.

34 Dewey (1960, p. 100).

35 Kaan, A. van. *Existential foundations of psychology*. Garden City, New York: Doubleday & Co., 1969. p. 14.

que em certos contextos afluentes, como é o que caracteriza hoje os Estados Unidos, as áreas da ciência social olhem para o ser humano a partir da perspectiva do crescimento e do desenvolvimento de suas potencialidades. E o uso extenso de drogas psicodélicas é novamente um sintoma da consciência, em muitas pessoas, de que elas estão a viver muito abaixo de seus poderes de percepção.

Colin Wilson sugere que o existencialismo europeu é “antigo”, em relação às tendências filosóficas emergentes. Na medida em que, como afirma Colin Wilson, “a ‘percepção’ significa no mínimo cinquenta por cento *pressupostos*, e esses pressupostos dependem da circunstância inteira em que a percepção ocorre”<sup>36</sup>, pode-se compreender por que o existencialismo europeu é antes uma filosofia de desespero, uma visão pessimista de acordo com a qual “não há saída” para o homem. Essa visão reflete uma complexa sociedade de escassez que ainda se encontra em um estágio em que as necessidades humanas básicas estão longe de serem atendidas. Deve-se considerar igualmente que grande parte desta filosofia existencialista foi elaborada em períodos repressivos de fascismo e nazismo e em clima de guerra. O existencialismo norte-americano, por razões óbvias, tende a ser uma filosofia de esperança, uma visão otimista do homem.<sup>37</sup>

Colin Wilson ressalta, corretamente, a correlação existente entre circunstâncias históricas e potencialidades humanas:

---

36 Wilson (1966, p. 66).

37 Esta é basicamente a opinião de Allport (1968). Ele escreve: “Em termos gerais, a visão existencialista do homem desenvolvida na Europa é mais pessimista do que a correspondente visão americana – um fato que chama nossa atenção para as influências socioculturais sobre as teorias da personalidade. Quando a vida é uma dura luta pela existência, e quando, como na Europa devastada pela guerra, parece haver ‘nenhuma saída’ (Sartre), então as personalidades de fato ficam tensas e desenvolvem um senso de dever mais pesado do que de esperança. Na América, pelo contrário, onde a busca por uma vida rica e plena sofre menos impedimentos, esperamos encontrar um tipo de personalidade mais aberta, gregária e confiante. Esta expectativa se reflete no otimismo dominante da psicoterapia americana, que inclui não só concepções neopsicanalíticas de uma ‘personalidade produtiva’, mas também uma ‘terapia centrada no cliente’, e assim florescem novos movimentos, como o ‘aconselhamento pastoral’ e a ‘orientação’. Tillich confessa-se surpreendido com a peculiar natureza resiliente da coragem americana. ‘O típico americano’, escreve ele, ‘depois de ter perdido as bases de sua existência, trabalha por novas fundações’. ‘A coragem de fazer parte do progresso do grupo ao qual pertence, de sua nação, de toda a humanidade, está expressa em todas as filosofias especificamente americanas: pragmatismo, filosofia do processo, ética do crescimento, educação progressiva, democracia cruzada’. Tillich poderia muito bem ter acrescentado as formas americanas de psicoterapia”.

Ao longo dos milhões de anos de evolução, desenvolvemos uma capacidade para distinguir diferentes instrumentos. Nossos sentidos “filtram” uma grande parte do caos, de forma que ele jamais nos atinja. Nosso sistema nervoso lida com o resto para dar-lhe sentido. Mas a nossa percepção ainda é um segundo melhor recurso, melhor em muitos graus do que o caos original, mas muito distante de suas *possibilidades* de ver ordem e sentido, quando se diz que a presente “ordem” reinante em nossas percepções é um tipo de lei marcial. A vida não é fácil. Ela é muito complicada, de modo que devemos limitar nossas percepções para lidar com ela da mesma forma que um comandante de exército tem que declarar lei marcial em uma cidade que talvez esteja prestes a ficar completamente fora de controle a qualquer momento. Mas ninguém finge que a lei marcial é uma condição ideal para nutrir uma Cidade do Sol.<sup>38</sup> (*itálicos* no original)

Em cada época, é limitada a consciência que o homem tem de si e das circunstâncias. Há uma máxima consciência possível que ninguém pode ultrapassar em uma sociedade. É este fato que Dewey ressalta quando escreve: “(Meyerson) observou que – pelo fato de estarmos fora de sua época – nós podemos explicar as razões pelas quais os pensadores medievais pensaram como pensaram e acreditaram como acreditaram”.<sup>39</sup> Foi por essa razão que alguém tão talentoso quanto Saint-Simon não teve como imaginar, em seu tempo, a possibilidade de um conflito entre o proletariado e a burguesia. Segundo Goldman, isso não foi um erro, mas resultou do fato de que, no âmbito da máxima consciência possível de ser atingida nas circunstâncias históricas<sup>40</sup> de Saint-Simon, tal percepção era impossível. Mais tarde, no período em que viveu Marx, tal conflito não estava mais oculto, estava visível, e Marx lhe deu forma conceitual.

Em minha própria vida, tive a vívida experiência de que o pensamento e o contexto são dialeticamente interdependentes. Além disso, ao

---

38 Wilson (1966, p. 70).

39 Dewey (1960, p. 100).

40 Sobre a noção de “máximo possível de consciência”, ver de Lucien Goldman, *Sciences humaines et philosophie*. A versão em inglês deste é: Goldmann, L. *The human sciences and philosophy*. London: Jonathan Cape LTD, 1969.

trabalhar para a elaboração de uma teoria do homem parentético e do encontro parentético, estou me reinventando inteiramente para tirar o máximo de proveito de ser um alienígena nos mais turbulentos ambientes da história contemporânea.

Los Angeles,  
Natal de 1969 – Janeiro 1970.